



# COGNITIO

Revista de Filosofia  
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-13, jan.-dez. 2024  
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2024v25i1:e67421>

## A mente expandida do ponto de vista pragmaticista: contribuições da filosofia de Charles Sanders Peirce para as ciências psíquicas

*The extended mind from a pragmaticist viewpoint: contributions from Charles Sanders Peirce's philosophy to psychic sciences*

**Diego Frank Marques  
Cavalcante**

diegomarques@unifesspa.edu.br

**Resumo:** Neste artigo, apresentamos algumas possíveis contribuições inferidas da Filosofia de Charles Sanders Peirce que podem fundamentar os estudos sobre as ciências psíquicas, especificamente as Teorias da Mente Expandida. Para isso, utilizamos o pragmaticismo de Peirce e seu conceito de mente. Segundo ele, a mente é intensiva, interativa, expandida e mutável. No processo da expansão mental existem conexões entre as cognições (quase-mentes) guiadas por quase-propósitos, que são atualizações da Causa Final (*finious*). Ela é uma potência de excitação que busca a ampliação da razoabilidade. O *finious* é intensificado a partir de estados de irritação, derivados dos atritos entre quase-mentes que estão em relação. Essas resistências são resolvidas por meio da geração e transformação de hábitos que ampliam e tornam mais complexas as mediações correlacionadas. Desta forma, o que era alteridade – por ação do hábito – passa a fazer parte de uma mente expandida. Do ponto de vista pragmaticista, as consequências experimentais do conceito de mente expandida devem ser: a emergência, a evolução e o acoplamento de regularidades materializadas em corpos heterogêneos. Do estudo dessas regularidades deve ser possível inferir: as associações de propósitos e mediações para a resolução da “irritação” das quase-mentes envolvidas em um processo de expansão mental. Cabe a um psicólogo investigador da mente expandida a atualização desses processos em contextos específicos.

**Palavras-chave:** Filosofia da mente. Psicologia. Semiótica.

**Abstract:** *In this paper, we intend to indicate some possible contributions inferred from Charles Sanders Peirce's Philosophy that can substantiate studies on psychic sciences, specifically the Theories of the Expanded Mind. For that, we use Peirce's pragmaticism and his concept of mind. According to him, the mind is intensive, interactive, expanded and changeable. At the process of mental expansion exists connections between cognitions (quasi-minds) guided by quasi-purposes, which are updates of the Final Cause (finious). The Final Clause constitutes a power of excitement that seeks to expand reasonableness. The finious is reinforced by states of irritation, derived from friction between quasi-minds existed in relationship. These resistances are resolved through the generation and transformation of habits, expanding and bringing intricacy to the correlated mediations. This way, what was otherness – through the action of habit – becomes part of an expanded mind. From a pragmatic point of view, the experimental consequences of the concept of expanded mind should be: the emergence, evolution and coupling of regularities, materialized in heterogeneous bodies. Starting from the study of these regularities, it should be possible to infer: the associations of purposes and mediations for the resolution of the “irritation” of the quasi-minds, involved in a process of mental expansion. It's up to a psychologist investigating the expanded mind to update these processes in specific contexts.*

**Keywords:** *Philosophy of mind. Psychology. Semiotics.*



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

\* Universidade Federal do Sul e  
Sudeste do Pará.

## 1 Introdução: da mente expandida e do sinequismo

O propósito deste trabalho é o de sugerir que a filosofia de Peirce pode oferecer contribuições valiosas para as ciências psíquicas, de forma específica, para o estudo da mente expandida. Para isso, utilizamos o pragmatismo de Peirce bem como seu conceito de mente. Nosso esforço é para sugerir uma lógica e um diagrama para o estudo da expansão mental.

Segundo Shapiro (2011), nas investigações tradicionais da cognição, inicialmente desenvolvidas por Simon e Newell, a cognição estaria restrita ao cérebro. Esse último funcionaria como processos algorítmicos a partir de representações simbólicas. Nesse sentido, o cérebro teria uma linguagem interna que operaria de forma similar a um computador.

Ainda de acordo com Shapiro (2011), nesse contexto, afloram as pesquisas em psicologia cognitiva que privilegiavam a compreensão da cognição como algo interno, eclipsando a participação do ambiente. Os aspectos externos ao cérebro despontam como elementos passivos que pouco intervêm na dita linguagem interna do cérebro. Por outro lado, a abordagem da mente expandida privilegia a participação ativa dos aspectos ambientais no processo de cognição.

Shapiro (2011), no escopo da abordagem da mente expandida, destaca a perspectiva constitutiva. Nesta leitura, o aspecto biológico ganha ênfase, descartando a compreensão internalista do cérebro baseada em algoritmos. O cérebro não é compreendido como o único elemento constituinte da cognição. O corpo e os aspectos ambientais e, sobretudo, o contexto têm papel ativo e imprescindível para o funcionamento do que se tem chamado de mente expandida.

Andy Clark (2001) é um dos autores proeminentes da abordagem constitutiva. Para ele, a apropriação de aspectos do ambiente é um aspecto evolutivo que contribui para a adaptação do ser humano a ambientes complexos. O cérebro se torna uma espécie de parasita do ambiente. Realiza, portanto, cópulas, associando sua ação com elementos ambientais: “Se for assim, então o acoplamento externo faz parte do pacote verdadeiramente básico de recursos cognitivos que aplicamos ao mundo” (Clarck; Chalmers, 1998, p. 11, tradução nossa).

Para o desenvolvimento da expansão cognitiva, é preciso que o cérebro se alinhe com os elementos ambientais, os andaimes (*scaffolded*), que deseja utilizar. Ele (o cérebro) deve desenvolver um esquema de compreensão do objeto. À medida que esse esquema se desenvolve, novas extensões cognitivas são acopladas ao cérebro e ao restante do corpo.

Para Clarck (2008), deste aprendizado emana a crença na eficiência de um dado artefato. Na medida em que o indivíduo acredita que dada tecnologia seria eficiente em dadas situações, esse elemento passa a fazer parte da trama cognitiva. O autor propõe outros dois aspectos imprescindíveis para a extensão cognitiva. O primeiro é a portabilidade dos elementos ambientais, ou melhor, quando a situação de extensão cognitiva for requerida, a tecnologia deve ser fácil de acessar, visando a sua utilização. O segundo aspecto é um endossamento de processos cognitivos entregues ao ambiente, quer dizer, esse aspecto delega operações mentais a elementos extrínsecos ao corpo para a realização de dadas tarefas. O elemento consciente e contextualizado deste endossamento pode ser também um aspecto.

Um exemplo citado por Andy Clarck (1998) é o de um cidadão chamado Otto que tem sua memória comprometida pela doença de Alzheimer e utiliza um notebook como forma de extensão cognitiva:

Primeiro, o notebook é uma constante na vida de Otto – em casos em que a informação no notebook deveria ser relevante, ele raramente executaria uma ação sem consultá-lo. Segundo, a informação no notebook é diretamente avaliada sem dificuldade. Terceiro, sobre a recuperação de informação do notebook ele automaticamente endossa isso. Quarto, a informação no notebook foi endossada conscientemente em algum ponto do passado e há consciência das consequências desse endossamento (Clarck & Chambers, 1998, p. 17, tradução nossa).

Em um processo de cognição expandida, há mútua influência entre os andaimes cognitivos coordenados, isto quer dizer que os elementos externos não são passivos. Ao contrário, sua especificidade não só possibilita o endossamento cognitivo, mas também formas de raciocínio que só são possíveis graças à compreensão dos elementos externos.

Clark (1998) cita o exemplo dos quebra-cabeças. Nessa situação, somente através da aprendizagem da manipulação externa das peças que se torna possível ensaiar relações análogas internamente. Quando se desenvolve tal alinhamento, entre cérebro e quebra-cabeça, mexemos as peças, observamos suas relações e mentalmente podemos inferir o encaixe. Nessa perspectiva, escreve o autor: “A conclusão destas observações é que estruturas externas (incluindo símbolos externos como palavras ou letras) são especiais na medida em que permitem tipos de operações dificilmente realizadas apenas no domínio interno” (Clarck, 2001, p. 65, tradução nossa).

A questão, na qual Andy Clark (1998; 2011) parece não se deter, é aquela referente a como funcionariam as interinfluências entre os andaimes cognitivos, isto é, como esses elementos se comunicam. Segundo Shapiro (2011), a abordagem da cognição incorporada se beneficia da perspectiva conexionista para compreender relações entre cérebro, corpo e ambiente.

Nessa abordagem, o funcionamento do cérebro é compreendido como um conjunto de padrões de atividades paralelas aprendidas por meio de repetição e teste. Nessa situação, há uma valorização de padrões efetivos e marginalização dos ineficientes. É a ideia de uma rede neural de processamento paralelo de informações. Tal processamento paralelo gera uma resposta efetiva para problemáticas surgidas em tempo real. Clarck (2011) sublinha a importância das redes neurais como modelos capazes de aprender com o ambiente em tempo real, e, logo, incorporar a ação ativa dos elementos externos.

Em relação às ditas abordagens clássicas e “internalistas”, a abordagem da mente expandida de Clark (1998, 2001; 2011) traz uma série de vantagens, tais como: entender a mente como composta por representações múltiplas e parciais que se acoplam contextualmente; oferecer uma perspectiva descentralizada da economia “cognitiva”; e destacar o papel ativo do ambiente.

No entanto, como lembra Shapiro (2011), ainda é imprecisa, do ponto de vista conexionista, a forma como se dão as relações entre cérebro, corpo e ambiente, e como o cérebro representa essas relações. O próprio Clarck (2001) aponta os problemas de “*crosstalk*”, ou seja, de interferências no processamento paralelo e de sua fragilidade para operações lógicas extensas. Outro aspecto é a diminuta capacidade do funcionamento conexionista de modelar estruturas linguísticas complexas.

Para além dessas questões, se adotarmos o ponto de vista do sinequismo de Peirce, outro aspecto pode ser destacado que é o de um antropocentrismo implícito nas aludidas abordagens. Embora o ambiente seja pensado como ativo, ele é sempre pensado sob a perspectiva do cérebro. É o “cérebro” que vai domesticando o ambiente de acordo com seus interesses.

Para Peirce, no entanto, é o homem que faz parte de uma mente mais complexa, e não o contrário. Peirce também destaca o problema da continuidade entre mente-matéria e entre subjetividade-objetividade, possibilitando uma lógica da expansão mental que não é enfatizada nas teorias da mente expandida. Agrada-nos a ideia de que o conceito de mente proposto por Peirce pode contribuir com os estudos das ciências psíquicas, de forma específica, com os estudos sobre mente expandida.

Aqui gostaríamos de destacar a seguinte possibilidade: a filosofia de Peirce possibilita pensar a mente para além da perspectiva nominalista-antropocêntrica, abrindo a possibilidade de uma abordagem sinequista. Assim, o processo de expansão da mente pode ser entendido enquanto continuidade mente-matéria, subjetividade-objetividade, indivíduo-sociedade. Nessa trama, devem se formar graus de regularidades coordenadas e mutantes na matéria, que seriam indícios da ação mental expandida.

É importante destacar que a filosofia de Peirce é teórica. Por outros termos, Peirce está preocupado com a apresentação do conceito em seu mais alto nível de abstração: um diagrama. É nesse sentido que o conceito de mente expandida pode ser útil às ciências da psique. Cabe à psicologia, enquanto ciência especial, atualizar o conceito de mente em contextos empíricos específicos.

## 2 Pragmaticismo e o conceito de mente

Antes de adentrar no conceito de mente, convém esclarecer propriamente o que é o conceito para Peirce. Os conceitos, do ponto de vista pragmaticista, são projetados para se correlacionarem com suas possíveis consequências experimentais. À medida que tais correlações se mostram eficientes, o sentido do conceito evolui. O conceito deve ser pensado, portanto, como dinâmico enquanto se espalha por diferentes campos experimentais e tem seu significado experimentado e generalizado. O desafio de Peirce foi a elaboração de conceitos com elevados graus de abstração-generalização. Foi, sobretudo no pragmatismo, que Peirce se envolveu arduamente com esse processo.

É possível destacar, pelo menos, duas grandes fases do pragmatismo de Peirce. A primeira, desenvolvida pelo jovem Peirce em textos emblemáticos como: *Fixação da crença* (1877)<sup>1</sup> e *Como tornar nossas ideias claras* (1878).<sup>2</sup> Na segunda fase, a partir de 1898, Peirce altera a nomenclatura de sua abordagem: de pragmatismo para pragmaticismo. A mudança foi motivada por seu descontentamento diante das interpretações equivocadas de suas ideias.

O primeiro pragmatismo está fundado em um caráter experimental, psicológico e social da crença. Experimental porque o significado de um conceito deve ser validado a partir de suas consequências observáveis. A crença em um conceito deve ser colocada em jogo no escopo de uma comunidade de investigadores que deve levar *ad infinitum* as experimentações.

É importante destacar que o valor indutivo do experimento está em seu aspecto contínuo, e não meramente particular. O conceito apresenta o que “deveria ser”, e os experimentos indicam se as consequências do conceito estão presentes ou não no fluxo das experimentações. Nesse sentido, os significados que podem ser extraídos dos conceitos são racionais-experimentais-psíquicos.

Os conceitos estão relacionados com crenças que são hábitos de ação, ou seja, em dado contexto, visando a um propósito específico, uma dada fórmula deveria ser eficiente. Se os experimentos produzidos em uma comunidade científica indicarem que as consequências dos conceitos são eficientes, então, uma crença científica é fortificada. Por outro lado, se as consequências estão em desacordo com o que deveria ser, então a dúvida emerge. A dúvida é o estado psicológico de irritação que precipita o inquérito.

O propósito do inquérito é o de extinguir a dúvida e produzir uma nova crença. Nesse sentido, a noção de correção experimental e dialogismo é a marca do primeiro pragmatismo. Contudo, ainda há uma fundação psicológica do conceito baseada na crença e na dúvida, embora ambas se desenvolvam na correlação com a natureza.

No pragmatismo, portanto, já está presente a ideia de que o conceito é um geral-abstrato e que deve ser referendado pelos seus efeitos, e estes devem ser observados na experiência: “Mas de que outro

1 Nesse primeiro momento do pragmatismo, o propósito de Peirce era o de pensar sobre um método que deveria ser guiado pela correlação experimental com a realidade. Esta busca de consonância com o real seria a marca do método científico. Para além do método científico, o autor destaca outros modos de formação de crença os quais são a tenacidade, a autoridade e o método apriorístico. O primeiro é baseado em uma espécie de solipsismo, negando as indicações da realidade em favor de sua crença. O segundo método é o da autoridade, que é fundamentado na imposição de uma crença: seja por uma entidade, seja por um governo ou uma doutrina. O apriorístico é o método que privilegia os movimentos do pensamento, no entanto, estes movimentos estão mais comprometidos com questões de “gosto” do que com sua validação experimental. A ciência, segundo Peirce, é o caminho mais eficiente para a produção de crenças. Esse tipo de produção é forjado no inquérito. Este último é entendido como o movimento do pensamento que leva da dúvida a uma crença. A dúvida é uma irritação que deriva da falência de um hábito em sua função de conduzir a ação propositada, logo, é com a dúvida que se inicia o inquérito. O pensamento é a busca por uma nova crença. Nesse contexto, o autor trabalha com a noção de hipótese, dedução e indução como as três modalidades de inferências. A hipótese é o modo sensual de raciocínio, ou seja, ela sugere uma explicação para o predicado ou para os predicados surpreendentes (irritantes). A dedução é conectada com a sugestão hipotética, de modo a extrair consequências necessárias. A indução insere a dimensão experimental e confere valor às consequências da hipótese, que foram sacadas dedutivamente. Na medida em que, no longo caminho experimental, os testes indutivos estão em consonância com as expectativas, com uma nova crença se estabiliza. Esses experimentos devem ser executados por uma comunidade de investigadores. A crença científica é um sentimento que indica generalização de um hábito experimentalmente forjado por uma comunidade de investigadores. O hábito é uma fórmula ou lei geral que deve conduzir a ação de uma forma específica quando um dado contexto se apresentar.

2 No texto *Como tornar nossas ideias claras*, Peirce continua destacando a relação entre crença, hábito, realidade e verdade. Ainda que incorporando elementos do realismo escolástico de Duns Scot, de forma específica, a crença na realidade dos gerais bem como a crítica da “coisa em si” e do incognoscível em Kant. Peirce ainda não tinha clara a ideia da continuidade que desenvolveria em seu idealismo objetivo. “A realidade do real depende do fato de que a investigação, se prolongada suficientemente, está destinada a finalmente levar a uma crença nela” (Peirce, 2008, p. 85).

modo pode um hábito ser descrito senão pelo tipo de ação que ele origina, dadas as especificações das condições e dos motivos” (Peirce, 1998, p. 163); e ainda “Considere-se quais efeitos que conceivelmente teriam atuações práticas, os quais imaginamos que o objeto de nossa concepção possua. Então, nossa concepção desses efeitos é o conjunto das concepções do nosso objeto” (Peirce, 2008, p. 73).

Peirce, em sua segunda fase, inventa o termo *pragmaticismo*, esse termo pode ser encontrado em textos das conferências de Harvard (1903); *O que é pragmatismo* (1905); *Um esboço do pragmatismo* (1907). Peirce cria o termo *pragmaticismo* para diferenciar sua teoria de “raptos” que corromperam sua noção de pragmatismo, como é o caso de seu amigo William James.

Segundo Ibri (2020; 2021), nesse amadurecimento, Peirce conecta o pragmatismo com as ciências normativas (estética, ética e semiótica) e com o sinequismo. O sinequismo representa o amadurecimento do realismo escolástico vindo de Duns Scotus e do idealismo objetivo de Schelling.

Em sua reformulação, portanto, o pragmatismo não reduz seu dinamismo à relação psicológica crença-dúvida, mas pensa que o conceito é parte da continuidade entre mente-matéria, subjetividade-objetividade. É o homem que está em uma mente mais complexa, e não o contrário. É graças a uma “afinidade” com a natureza que o cientista consegue conjecturar algum grau de sucesso:

Os elementos de todo conceito entram no pensamento lógico através das portas da percepção, saindo depois pela porta da ação intencional; tudo aquilo que não possa mostrar seu passaporte nessas duas portas deverá ser detido pela razão como elemento não autorizado. (Peirce, 1998, p. 242).

Quando Peirce destaca “as portas da percepção”, privilegia toda a potência não controlada da cognição. Trata-se de simpatias e aversões, continuidades e descontinuidades nas relações entre “quase-mentes” e as resistências do real. É nessa relação que a percepção é enriquecida e de onde emergem os processos de abdução, como a capacidade de “adivinhação”.<sup>3</sup> A abdução é uma mera sugestão: um pode ser.

Essas conjecturas, dada sua gestação inconsciente, devem ser submetidas à crítica e heterocrítica em seus aspectos estéticos, éticos e lógicos, ou seja, no escopo das ciências normativas. O processo crítico deve ser feito por uma comunidade de pesquisadores.

É nessa trama complexa que os conceitos devem ser forjados, fortificados, mesclados ou mesmo enfraquecidos e substituídos. A correlação eficiente entre conceitos e experimentos garante sua validade provisória. É assim que Peirce captura a ciência para o escopo filosófico da elaboração de conceitos. O campo experimental da filosofia é qualquer fenômeno aberto à experiência, ou seja, procura-se o máximo grau de abstração e generalização.

O conceito de mente para Peirce, portanto, deve possibilitar que suas consequências possam ser observadas por qualquer experimentador. Interessa-nos, portanto, apresentar um percurso lógico que deve correlacionar o conceito de mente às suas consequências experimentais.

De princípio, destacamos o aspecto básico da mente para Peirce: “A mente tem seu modo universal de ação, a saber, por *causação final*” (CP 1.269, tradução nossa). A causa final é um geral e não pode ser confundida com propósitos particulares. Estes últimos são atualizações provisórias da ação mental mais complexa:

É, como eu dizia, um erro generalizado achar que uma “causa final” é necessariamente um propósito. Um propósito é meramente aquela forma de causa final que é mais familiar à nossa experiência [...] A causação final não determina de que maneira particular algo deva ser produzido, mas apenas que o resultado tenha um certo caráter geral. (CP 1.211, tradução nossa).

3 Não é nosso propósito detalhar os processos de percepção-abdução e sua relação com a dedução e a indução. Para uma leitura sistemática da lógica crítica e da retórica especulativa recomendamos Santaella (2004).

Nesse sentido, a causa final é virtual<sup>4</sup> e contínua. Peirce inventa a palavra “*finious*” para diferenciar a potência de sua causa final de uma teleologia mecanicista. Seu propósito é o de destacar a potência de generalização-diversificação dos propósitos diante dos aspectos irritantes que emergem com as experiências.

Ora, é precisamente a ação segundo causas finais que distingue a ação mental da mecânica; e a fórmula geral de todos os nossos desejos pode ser tomada como esta: remover uma irritação. Todo homem está ocupado trabalhando para acabar com aquele estado de coisas que agora o excitam a trabalhar (CP 1.392, tradução nossa).

O “*finious*” é uma potência de continuidade-diversificação de propósitos, e não um ponto de “chegada” linear-previsível. “Se teleológica é uma palavra muito forte para ser aplicada a elas, podemos inventar a palavra *finious*, para expressar sua tendência a um estado final” (CP 7.471). A causa final seria a potência de “excitação” enquanto as causas eficientes seriam atualizações de “quase-finalidades” em contextos específicos. Assim, “[...] o microscopista olha para ver se os movimentos de uma pequena criatura demonstram algum propósito. Se sim, há mente ali” (CP 1.269, tradução nossa).

Mas como investigar experimentalmente as causas eficientes enquanto atualizações das causas finais? Aqui está o “pulo do gato” do pragmaticismo. O que está em jogo é a conexão lógica entre conceito e suas consequências experimentais, sacadas dedutivamente.

Para compreender a aludida relação, é necessário explicitar as relações lógicas entre mente, causa final, hábito e causa eficiente. Vimos que a mente é irritada ao ser afetada por um afeto inesperado. Essa imprevisibilidade deriva da incapacidade do hábito de mediar a relação ente “organismo” e os afetos em consonância com seus quase-propósitos em dada situação. Assim, a irritação aciona a potência do “*finious*” que, por sua vez, deve excitar o hábito em busca da solução. “A essência da racionalidade reside no fato de que o ser racional agirá de modo a atingir determinados fins [...] A racionalidade está sendo gerida por causas finais” (CP 2.66, tradução nossa).

Os hábitos exprimem a quase-finalidade dos processos de estabilização. Esses processos caracterizam o princípio do hábito e são os únicos que realizam o estado geral das coisas. Existem exemplos em todos os domínios. É o caso da fisiologia do hábito, cuja finalidade é terminar um estado de irritação (Rosa, 2003, p. 309).

É nesse sentido que a lei da causação final e sua atualização em causas eficientes estão logicamente associadas à lei da formação de hábitos. Portanto, é possível inferir as primeiras a partir da última. Por outros termos, a formação e dinamização do hábito são signos da potência da causa final. Essa relação semiótica vai possibilitar a observação experimental da ação da mente a partir de seus produtos: “Lei e Acaso são supostas realidades cognoscíveis somente por inferência. Esse é o cerne do realismo sinequista que, vale registrar, na filosofia precoce de Peirce teve origem na querela escolástica dos universais” (Ibri, 2020, p. 83).

Se o hábito é uma fórmula geral, só pode ser conhecido a partir dos casos particulares que “governa”. Como saber os casos que governa? O sinequismo de Peirce pode nos oferecer um bom caminho.

Agrada-nos a ideia de que é possível pensar essas relações a partir da trama entre acaso, mente e matéria. Isso porque, para Peirce, a ideia continua na matéria, ou melhor, a matéria é uma espécie de condicionamento da ideia: “O pragmatismo é doutrina correta apenas em tal na medida em que reconhece que a ação material é a casca das ideias” (CP 8.272, tradução nossa). Se a matéria pode funcionar como rastro das ideias, então, é possível inferir o funcionamento das ideias a partir de seus efeitos materializados.

4 Cavalcante (2024) sugere uma aproximação entre a noção de virtual em Deleuze e Peirce. Essa relação nos agrada porque privilegia a potência de diferença na relação entre causa final (virtual) e eficiente (atual) em detrimento de uma relação identitária do tipo modelo-cópia.

Na perspectiva sinequista de Peirce,<sup>5</sup> não há um fosso “nominalista-subjetivista” entre mente e matéria. Matéria é a mente com seus hábitos extremamente enrijecidos, assim, existe continuidade e não abismo entre mente e matéria. Nessa trama, se os hábitos se tornam demasiados rígidos, é porque a causa final perdeu sua potência de diversificação, logo, uma regularidade estriada em dado contexto é indício do ocaso da ação mental e privilégio da matéria.

Por outro lado, expressões com alto grau de irregularidade em dados contextos podem ser indícios da ausência da ação mental. Isso porque o hábito oferece um meio para ação em dada situação. Se existe uma fórmula para conduzir a ação, então, sua consequência deve ser um nível de regularidade.

Ora, se não há um hábito consolidado, então, não há mediação e, logo, não deve haver regularidade materializada nas ações. Assim, a predominância da descontinuidade seria indício do acaso e, portanto, da ausência da ação mental.

A mente estaria entre o “estriamento” do hábito e a irregularidade perene do acaso. Se isso for verdade, então, a mente “viva” deveria promover, tanto a formação, quanto a evolução-diversificação dos hábitos. Se isso for verdade, então, a consequência deve ser a emergência, consolidação e mutação das regularidades materializadas nas ações:

[...] a marca é um mero acidente, e como tal pode ser apagada. Ele não interferirá com qualquer outra marca traçada em qualquer outro local do quadro. Não é necessário haver consistência entre as duas. Mas quando a marca começa a permanecer pode haver uma ulterior evolução; quer dizer, esta só se desenvolverá quando se começar a estabelecer o começo de um hábito, em virtude do qual o acidente adquire alguma incipiente qualidade permanente, alguma tendência para a consistência. Esse hábito é uma tendência generalizadora, logo, um geral, logo um contínuo ou uma continuidade. (Peirce, 1998, p. 286-297).

A matéria, a mente e o acaso são imanentes, ou seja, podem coexistir em graus diferentes nas ocorrências. Assim, nas ações materializadas, pode haver dinamismos nos níveis de regularidade, mudança de regularidade ou mesmo de irregularidade:

Tendo em conta o princípio da continuidade, o guia supremo no enquadramento hipóteses filosóficas, devemos, sob esta teoria, considerar a matéria como uma mente cuja hábitos tornaram-se fixos de modo a perder o poder de formá-los e perdê-los, enquanto a mente deve ser considerada como um gênero químico de extrema complexidade e instabilidade que adquiriu em grau notável o hábito de pegar e deixar de lado hábitos. (CP 6.101, tradução nossa).

Alegra-nos a ideia de Ibri (2021), pensar a continuidade em termos de conaturalidade e isomorfismo entre mente e matéria ou objetividade e subjetividade. Nessa trama, o autor destaca a importância de Duns Scotos e Schelling para a teoria da continuidade em Peirce: “[...] nestes autores pode-se visualizar um esforço para descentralizar do sujeito a ontologia, criando simetrias com o objeto que proporcionem um trânsito natural entre interioridade e exterioridade” (Ibri, 2021, p. 139-140).

Nesse sentido, o problema da “expansão mental” pode ser entendido a partir de processos isomórficos entre mente-matéria/interioridade-exterioridade. No entanto, ainda é preciso destacar as descontinuidades-heterogeneidades que são importantes para a compreensão dos processos de expansão mental.

Mais uma vez, gostaríamos de enfatizar a imanência na relação entre mente, matéria e acaso. Nesse sentido, é importante sublinhar a relação entre matéria e ideia. Essa última pode ser entendida como parte da “fonte” e, ao mesmo tempo, produto dos hábitos. Isso porque os hábitos funcionam por meio de associação de ideias. Assim, a “mente” captura ideias para compor outras ideias.

5 Não é objetivo do artigo debater sobre o sinequismo e a ontologia de Peirce: não haveria espaço no escopo do artigo. Para isso, sugerimos o clássico e esclarecedor trabalho de Ibri (1992).

Tais ideias emergentes são gestadas para resolver problemáticas da “quase-mente” que estão “servindo”. No entanto, podem também ser substrato para outras ideias em outros contextos. É nesse sentido que, para Peirce, ideias são ao mesmo tempo, fonte e produto.

No entanto, não se pode cair em um idealismo à moda de Hegel. É importante destacar a coexistência das ideias com as resistências e brutalidades da matéria e do acaso, bem como dos propósitos heterogêneos dos organismos que as atualizam. Trata-se do caráter imanente dos processos de continuidade e descontinuidade. É graças às resistências do real e a emergência da alteridade que a mente é atualizada e evolui: “[...] toda evolução lógica do pensamento deve ser dialógica, não é um fato apenas da psicologia humana, mas uma necessidade lógica” (Peirce, 2008, p. 190).

O termo “lógica objetiva” é de Hegel, mas uma vez que rejeito o idealismo absoluto como falso, lógica objetiva necessariamente significa mais para mim do que significou para ele. Ao dizer que ser e ser representado era uma só e mesma coisa, Hegel ignorou a categoria da reação (quer dizer, ele imaginou tê-la reduzido a um mundo de ser representado), falhando assim em fazer justiça ao ser, ao mesmo tempo em que foi obrigado a tensionar a natureza do pensamento, falhando em fazer justiça desse lado também. Tendo distorcido ambos os lados da verdade, era, para ele, uma coisa pequena dizer que era concreto e tinha a sua parte na atividade do mundo; uma vez que essa atividade, segundo ele, era meramente uma atividade representada. Mas quando eu, com minha apreciação científica da objetividade e da natureza bruta da reação, mantenho, no entanto, que as ideias realmente influenciam o mundo físico, e, ao fazer isso, levam sua lógica junto, dou a lógica objetiva uma vida acordada que faltava na terra dos sonhos de Hegel. (NEM 4, p. 30, tradução nossa).

Assim, em um idealismo objetivo, é preciso supor que a matéria tensiona a mente da mesma forma que a mente afeta a matéria. As ideias se espriam na matéria, e a matéria condiciona a ação da mente. Trata-se de uma continuidade diferencial. Peirce cita o exemplo dos sons enquanto materialização da ideia de um músico: “A execução de uma peça de música de concerto é um signo. Ela veicula e visa a veicular as ideias musicais do compositor” (Peirce, 1998, p. 122).

Essa relação entre a ideia e sua continuidade materializada no fundamento do signo é de fundamental importância para nós. Isso porque a continuidade-diferencial entre “interioridade” e “exterioridade” pode ser pensada por meio de correlações entre expressividades heterogêneas:

É pela forma de combinação dos diversos elementos da natureza que uma ideia é transmitida de uma mente para outra, por exemplo, através de uma intrincada simetria, ou então através de algum tipo de união entre uma cor suave e um odor refinado (Peirce, 1998, p. 265).

Assim, mente, causa final, formação e diversificação do hábito, associações de ideias e seus modos regulares de combinar qualidades materiais são aspectos de um mesmo processo de expansão da mente. A expansão da mente é uma potência de diferenciação fundada em graus de isomorfismo entre mente e matéria. Agrada-nos a ideia de uma continuidade diferencial.

A mente, para Peirce, portanto, nada tem a ver com uma instância “cartesiana” interna, subjetivista e inata. “[...] a mente constitui um tipo particular de sujeito que é estranho a uma mera ação individual” (CP 1.420, tradução nossa). A mente é agenciada, ou seja, pode ser pensada como acoplamentos entre hábitos (quase-mentes) materializados e intensivos, isto é, guiados por tensões específicas.

Nessa trama, é mister a distinção entre mente e quase-mente. Quase-mente ou cognição é a atualização da mente em uma materialidade/organismo e, portanto, com um “quase-propósito” específico. A mente, por outro lado, é um agenciamento entre quase-mentes que acopla mediações e propósitos heterogêneos, gerando um processo de cognição distribuída e coordenada. É nesse sentido que a quase-mente do

homem é que faz parte de uma mente mais complexa: “Do mesmo modo que dizemos que um corpo está em movimento e não que o movimento está num corpo, devemos dizer que estamos em pensamento e não que pensamentos estão em nós” (CP 5.289, tradução nossa).

Vale a pena uma citação densa e frutífera de Peirce sobre a complexidade da ação mental. Nela é possível inferir o aspecto agenciado, distribuído, complexo e expandido da mente. É possível também inferir uma epistemologia da mente expandida:

[...] a mente é aquele sema da verdade, cujas determinações se tornam Interpretantes Imediatos de todos os outros Signos e cujos Interpretantes Dinâmicos estão dinamicamente conectados. Em nosso diagrama, a mesma coisa que representa a verdade deve ser considerada como representando a mente de outra maneira e, de fato, como sendo a quase-mente de todos os signos representados no diagrama. Para qualquer conjunto de Signos que estão tão conectados que um complexo de dois deles pode ter um interpretante, deve haver Determinações de um signo que é uma quase-mente. (CP 4.550, tradução nossa).

Convém destacar alguns aspectos da citação para compreender sua complexidade. O “sema da verdade” da ação mental pode ser entendido como a potência da causa final. É a causa final que – quando atualizada em quase-mentes específicas – possibilita a orquestração dos hábitos e propósitos específicos. Tratar-se-ia de um acoplamento entre “quase-finalidades” heterogêneas, mas que se orquestram por compartilharem propósitos.

Quando se diz que a lei da mente é a da associação de ideias, é preciso enfatizar que uma ideia é atualizada em uma “quase-mente”, ou seja, em uma materialidade específica, logo, associar ideias significa também acoplar corpos heterogêneos que gozam de propósitos compartilhados e, ao mesmo tempo, específicos.

Nesse sentido, quando quase-mentes passam a cofuncionar, então, emerge um processo de expansão mental e elas “passam a fazer parte de um mesmo interpretante”. É a emergência de um signo que produz o “amálgama das quase-mentes”.

Assim, a coordenação de ideias produzidas pelo cofuncionamento dos hábitos vai gerando a expansão da mente em graus diversos de complexidade. As “quase-mentes” que participam da ação mental são intensificadas em consonância com as relações entre propósito, matéria e acaso.

Interessa-nos um outro trecho da passagem supracitada: “Em nosso diagrama, a mesma coisa que representa a verdade deve ser considerada como representando a mente de outra maneira”. Peirce se refere ao caráter epistemológico do diagrama.<sup>6</sup> Esse último possibilitaria pensar as relações entre as quase-mentes que compõe uma mente expandida a partir das relações expressas no próprio diagrama. Nessa trama, “o cientista da mente” faz parte da “mente expandida”, como uma quase-mente acoplada a uma mente mais complexa.

Convém fazer uma sumarização com o propósito de amarrar os argumentos: a mente é entendida como um acoplamento entre quase-mentes guiadas por graduações de propósitos em comum, bem como singulares; esse acoplamento é possível graças à lei da causa final, que é a potência de diversificação dos propósitos (*finious*); esse “propósito virtual” se atualiza em causas eficientes, orquestradas em contextos específicos (quase-propósitos), promovendo o acoplamento das quase-mentes, uma mente expandida.

Os hábitos, quando excitados pela irritabilidade da resistência, associam ideias para gerar mediações que devem transformar ignorância em novas quase-mentes acopladas ao agenciamento mental. Nessa trama, a mente é dilatada aumentando sua agência.

<sup>6</sup> A noção de diagrama em Peirce perpassa toda sua arquitetura teórica: desde a matemática até sua metafísica. Seria preciso um trabalho específico para debater as relações entre diagrama e mente para Peirce. Um competente trabalho sobre o tema pode ser encontrado em Jorge (2006).

No processo de expansão da mente, as ideias se materializam, gerando uma “orquestra” de expressões regulares. Esse cofuncionamento de regularidades, portanto, deve ser consequência experimental do conceito de mente expandida.

Nessa perspectiva, um cientista da psique é também uma quase-mente acoplada a um conjunto de mentes. Seu propósito específico seria o de investigar a coordenação das regularidades materializadas e de suas transformações e supor os diferentes propósitos e as mediações da mente expandida em análise.

É preciso enfatizar que, de acordo com o sinequismo de Peirce, esse processo não é apenas epistemológico-antropológico, mas também ontológico. Como destaca North (1996), Kirchof (2008), Romanini; Fernández (2014) e Queiroz (2023), a semiose está presente desde os processos químicos mais elementares até o comportamento coordenado de primatas, como o dos macacos verdes.

### **3 Considerações finais: o conceito de mente expandida e sua possível contribuição para uma ciência psíquica**

Um dos propósitos da filosofia de Peirce é o de capturar todo o rigor e a experimentação científica para o escopo da filosofia. O lógico americano, em sua arquitetura teórica, destaca três níveis de abstração: o da matemática, da filosofia e das ciências especiais. A matemática é a mais abstrata e não se interessa pelo aspecto ontológico, mas pelo que deve estar de acordo com seus diagramas eminentemente dedutivos.

A filosofia, por sua vez, acopla à matemática com a observação da realidade. Seu campo de investigação é tudo aquilo que possa ser testado sem a necessidade de equipamentos especiais: “[...] a filosofia tem a função de descobrir o que é realmente verdadeiro [...] a verdade que pode ser inferida da experiência comum que está aberta a todo ser humano” (Santaella, 2021, p. 170).

Enquanto isso, as ciências especiais trabalham com campos de observação bem delimitados, de modo a conseguir estabelecer correlações entre variáveis. É por funcionar em campos restritos que as ciências especiais precisam dos conceitos filosóficos. Isso porque as ciências especiais, dado seu campo restrito de experimento, necessitam “endossar” explicações que estão para além de seu campo de observação.

É que as ciências especiais são obrigadas a tomar como certas uma série de proposições muito importantes, porque as suas formas de trabalhar não oferecem meios de testar essas proposições [...] As ciências psíquicas, especialmente a psicologia, são, se possível, ainda mais obrigadas a assumir princípios gerais que não podem ser provados ou refutados pelos seus métodos normais de trabalho. (CP 1.129, tradução nossa).

É nesse sentido que o conceito de mente expandida, extraído da filosofia de Peirce, poderia contribuir com as pesquisas em ciências psíquicas. Para Peirce, a psicologia é, portanto, uma ciência especial da mente, ou seja, investiga experimentalmente a ação da mente em contextos específicos.

Peirce distingue tipos de psicologia em consonância com seus métodos: psicologia individual, psicologia hereditária, psicologia dos fenômenos paranormais, psicologia da multidão, psicologia das etnias e psicologia animal (CP 1.200). Nesse sentido, caberia a uma psicologia da mente expandida desenvolver métodos para investigar o processo de expansão mental. Colapietro (2014) fez um importante trabalho sobre as relações entre semiótica e psicologia e destacou as vantagens de pensar a psicologia fundada na semiótica: “É-nos de particular interesse o modo como ele [Peirce] concebeu as relações entre semiótica e psicologia; isto é, entre a teoria geral dos signos e o estudo experimental da mente” (Calapietro, 2014, p. 90).

Nesse sentido, apresentamos a seguinte simplificação, que possibilita entender as relações entre

o conceito de mente expandida e suas consequências experimentais. A lei universal da mente é a da causação final. Essa pode ser entendida como a potência excitatória em busca de ordenação. O que dinamiza a mente é a emergência da desordem na relação com a alteridade, logo, a mente é intensiva, interativa e expandida.

A excitação da mente é resolvida quando desenvolve hábitos que medeiam a relação com a alteridade, assim, essa última passa a fazer parte de um agenciamento mental. Nesse sentido, a mente é um processo de acoplamento de hábitos norteados pela potência de uma causa final e de sua diversificação em causas eficientes. Peirce distingue mente de cognição ou quase-mente. Essas últimas são atualizações de hábitos em contextos específicos. É da orquestração de quase-mentes que emerge a expansão mental.

Se os hábitos são mediações, e a mente pode ser entendida como orquestração de hábitos, então, as consequências experimentais da ação da mente devem ser a formação e diversificação de regularidades materializadas e orquestradas.

Nessa trama, o cientista da psique deveria criar condições experimentais para investigar a mente expandida. As seguintes questões poderiam ajudar a compor um diagrama da mente expandida: Quais regularidades (quase-mentes) orquestradas são observáveis? De quais contextos emergem? Quais quase-finalidades estão associadas às regularidades? Como funcionam as mediações coordenadas e como elas se complementam? E sobre as variações de regularidades? Que consequências geram para o agenciamento mental?

## Referências

- CAVALCANTE, Diego Frank Marques. *Esquissosemiótica e psicologia da diferença: acordos discordantes entre Peirce e Deleuze & Guattari*. Por uma cartografia das invenções artísticas. Curitiba: CRV, 2024.
- CLARK, Andy. *Being There: Putting Brain, Body, and World Together Again*. London: The MIT press, 2001.
- CLARK, Andy. *Supersizing the Mind: Embodiment, Action, and Cognitive Extension*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- CLARK, Andy; CHALMERS, David. The extended mind. *Analysis*, v. 58, n. 1, p. 7-19, 1998.
- COLAPIETRO, Vicent Michael. *Peirce e a abordagem do self: uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana*. Tradução de Newton Milanez. São Paulo: Intermeios, 2014.
- IBRI, Ivo Assad. *Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. Col. Estudos, vol. 130. São Paulo: Perspectiva e Hólón, 1992.
- IBRI, Ivo Assad. *Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas: vol. I* [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica; FiloCzar, 2020.
- IBRI, Ivo Assad. *Semiótica e pragmatismo: interfaces teóricas: vol. 2*. [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura. Acadêmica; FiloCzar, 2021.
- JORGE, Ana Maria Guimarães. *Topologia da ação mental: introdução à teoria da mente*. São Paulo: Anablume, 2006.
- KIRCHOF, Edgar Roberto. *Estética e biosemiótica*. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2008.
- NOTH, Winfried. *A semiótica no século XX*. São Paulo: Anablume, 1996.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Antologia Filosófica*. Trad. Machuco Rosa. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da moeda, 1998.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Ilustrações da lógica da ciência*. Trad. Renato Rodrigues Kinouchi. São Paulo: Ideais e letras, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: perspectiva, 2008.

PEIRCE, Charles Sanders. *The collected papers of Charles Sanders Peirce*. Electronic edition. Vols. I-VI. HARTSHORNE, C.; WEISS, P. (eds.). Charlottesville: Intelix Corporation. MA: Harvard University, 1931-1935.

PEIRCE, Charles Sanders. *The new elements of mathematics*. EISELE, Carolyn (Ed.). Haia; Paris: Mouton Publishers; Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press, 1976, 4 v. em 5v.

QUEIROZ, João. *Charles Sanders Peirce. Cognição e ação do signo: da fenomenologia aos substratos neurológicos da semiose*. Coritiba. Koter editorial, 2023.

ROMANINI, Vinicius; FERNÁNDEZ, Eliseu. *Peirce and biossemiotics: A Guess of the riddle of the life*. New York London: Springer, 2014.

ROSA, Antonio Machuco. *O conceito de continuidade em Peirce*. Braga: Dinalivro, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. *A assinatura das coisas. Peirce e a literatura*. São Paulo. Livraria da física, 2021.

SANTAELLA, Lúcia. *Charles Sanders Peirce*. Exertos. São Paulo. Paulus, 2020.

SANTAELLA, Lúcia. *O método Anti-Cartesiano de C. S Peirce*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2002.

SHAPIRO, Lawrence A. *Embodied Cognition*. Londres e Nova York: Routledge, 2011.



# COGNITIO

Revista de Filosofia  
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 25, n. 1, p. 1-13, jan.-dez. 2024  
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2024v25i1:e67421>